

AMIZADE ENTRE POETAS

Cartas de Teixeira de Pascoaes

Sob o título «Uma Amizade», acaba a editorial Vega de lançar uma selecção de cartas de Teixeira de Pascoaes a Anrique Paço d'Arcos, escolhidas pela filha deste último, Maria do Carmo Paço d'Arcos, entre centenas escritas durante quatro anos. Para além da expressão de um sentimento entre os dois amigos, as cartas deste volume dão-nos o retrato de uma época literária muito rica. Aqui fica um excerto dessa correspondência

Está hoje um dia de chuva tristíssimo. Sou irmão destes dias pluviosos e cinzentos! O Henrique não imagina a intensidade da minha tristeza, em certos dias infernais! A minha sensibilidade nunca se adaptou a este mundo. Nem se adapta! Para que nascem as criaturas que não são deste mundo? Para fugirem dele violentamente? Vivemos num pesadelo! E não há modo de acordar! Sintome bruto e desolado, querido Henrique! Paz aos brutos e aos mortos! Eu creio que nem os mortos dormem em paz! Os vivos não os deixam dormir! A tragédia cá de baixo continua-se lá em cima! Ésquilo desceu das nuvens, nas asas dum relâmpago!

Há duas semanas que os pedreiros não trabalham na minha varanda! Não sei quando ela estará pronta e quando poderei ir para Lisboa! A questão vinícola está

por pouco. A varanda é que é o pior. Tenho de estar presente a todos os trabalhos que nela se realizem!

Na sua penúltima carta pede-me para lhe falar de mim! Que hei-de eu dizer duma pessoa que desconheço? Falar-lhe de mim? Eu sei lá quem sou! Eu mesmo serei eu? Eu serei eu? Eis uma pergunta que faço a mim próprio várias vezes! Eu não sou eu: sou outro, uma pessoa desconhecida para mim. Tenho a impressão de que estive para nascer... mas outra criatura surgiu à luz do dia em meu lugar... Bati às portas da vida; as portas abriram-se, mas quem passou através delas não fui eu... Este vulto que erra no mundo com o meu nome, não o conheço. Eu apenas sei que não sou eu, que paio ainda, informe e inominado, nas regiões do Limbo, nesse além nublado de indefinidas dimensões escuras, onde uma nuvenzinha de dor começa a cristalizar em lágrima, onde um sentimento vago de tristeza principia a modelar-se, a figurar-se numa forma sensível e humana que tenta romper as sombras e aparecer... Eu não nasci ainda! E é possível que venha a morrer sem ter nascido! Eu não nasci ainda! E é possível que venha a morrer sem ter nascido! Eu não nasci ainda! Estas palavras que eu escrevo não são minhas. Foram roubadas ao vento que geme nestes pinhais sombrios e funéreos... Falo alto, mas não sei quem ouço... Ignoro a pessoa que pronuncia as minhas palavras. Falo e não sei quem fala. Quem é que chora e ri, quando as lágrimas inundam os meus olhos, e o riso se abrasa nos meus lábios? Mistério! Vejo-me num espelho,



como quem vê, numa estrada, um transeunte desconhecido, que vem de longes terras e vai para longes terras. Serei um peregrino de Jerusalém? Um cigano das Espanhas? Ou simplesmente um almocreve de Trás-os-Montes? O Henrique imagina que esteve comigo, neste seu Convento dos Poetas? Imagina que leio as suas cartas e os seus versos? Serei eu? Quem será esta pessoa que lhe escreve encantada, aflita, aborrecida até à morte e alegre como a própria aurora que aparece, espalhando um dilúvio de rosas sobre o mundo?

Quero saber quem sou. Meto-me numa alcova escura, se me concentro no meu pensamento. Angustiado, abro uma janela, e um golpe de luz desvenda-me um espaço vazio e sem limites. Intimamente, todo o meu ser se perde num deserto. Cá fora,

em volta de mim, a terra é outro deserto. Um deserto sem fim; e, através dele, o meu fantasma vagabundo...

Porque eu não sou eu ainda. Eu não nasci ainda! E é possível que eu morra sem ter nascido. Eis a triste condição do homem. Saber que não existe ainda, que não nasceu ainda, que a sua consciência não é mais que um vago reflexo divino entranhado no seio duma nuvem, duma substância que não conquistou ainda uma forma no espaço e uma duração no tempo — a consciência do não-ser.

Mas este não-ser, este nada em que vivo, exalta-se e abrasa-se de tal modo que chego a ter a ilusão duma existência verdadeira! O sonho exasperado convence-se de que é uma realidade. Também eu, um sonho exasperado pela dor e pelo amor, me convenço, às vezes, de que

existo, de que fui dado à luz do dia, de que apareci na terra e sou alguém.

Foi o seu sentimento, queridíssimo Poeta, que condensou em forma viva esta sombra abstracta e sonâmbula a fingir a minha pessoa verdadeira... aquela que anda ainda no ventre duma Nuvem e há-de ser dada à luz entre relâmpagos e lágrimas...

Desde que o conheço tenho a ilusão de que existo, de que conquisei um vulto definido, no espaço... E as ondas do tempo batem de encontro ao meu ser e o reconhecem, cavando-lhe o rosto e cobrindo-lhe a fronte de alva espuma...

Um grande abraço do

Joaquim»

[14 Outubro 1924]

